

## ***Parte 4: Nota Final***



# José Tolentino Mendonça

## Da espiritualidade como ato poético (Ou de como a poesia pode ser uma profunda alegria)

**A**lexandre Honrado  
ULHT  
alexandrehonrado@gmail.com

---

### *Resumo*

---

Teólogo, especialista em estudos Bíblicos e poeta repetidas vezes premiado e inequívoca e justamente reconhecido, José Tolentino Mendonça tem como alicerces o Cristianismo e a Cultura, a Religião e o que neles as palavras inspiram em metáforas líricas: ao escrever poesia, o autor é utente e utilizador da linguagem ao seu dispor, comum aos homens, porém no registo mais elevado da partilha da mesma com fins estéticos. A aceitar o que já Aristóteles sugeria, isto é, que a poesia compreende aspetos metafísicos (no sentido de sua imaterialidade) e da possibilidade de esses elementos transcenderem o mundo fático, a poesia de Tolentino Mendonça reforça a espiritualidade como ato poético, entendendo a espiritualidade como a dimensão do homem como ser religioso e a poesia como uma profunda alegria do espírito, mesmo nos seus momentos mais severos ou melancólicos, pois é seu apanágio a abordagem (com rigor e criatividade) dos temas e dos textos do cânone cristão, num diálogo sensível com as interrogações do presente.

**Palavras-chave:** Amizade; amor; Bíblia; poesia.

“Se o mundo das Ideias é um outro mundo que não este, mas igualmente atual, então poderemos apreendê-lo, desde já, na condição de executarmos os exercícios mentais para esse efeito necessários”

Platão<sup>1</sup>

De acordo com a nota do Patriarcado de Lisboa, a ordenação episcopal de D. José Tolentino de Mendonça, como arcebispo, decorre no próximo dia 28 de Julho de 2018, às 16h00, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa. Isso significa que será coincidente com a data em que se escrevem estas linhas.

A cerimónia como determinam as normas eclesíásticas, deverá ter sido celebrada por três bispos. Presidida pelo cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, contando como bispos (co)ordenantes o cardeal D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima e D. Teodoro de Faria, bispo emérito do Funchal. (A Diocese do Funchal tem como bispo D. António Carrilho, mas estará representada por D. Teodoro).

O Papa Francisco nomeou responsável pelo Arquivo Secreto do Vaticano e bibliotecário da Biblioteca Apostólica, no passado dia 26 de Junho de 2018, o sacerdote madeirense Tolentino Mendonça, elevando-o a Arcebispo.

Tolentino de Mendonça assumiu funções no Vaticano a 1 de Setembro.

Este artigo não deixa, portanto, de ser uma homenagem.

---

<sup>1</sup> Citado por CHÂTELET, François, *Uma História da Razão – entrevistas com Émile Noel*, Editorial Presença, Lisboa, 1999

A dimensão poética do Homem aproxima-o do divino. Não porque Deus se manifeste mais na Poesia do que na Prosa ou porque seja literária a Sua essência, mas porque a Poesia, como fulcral manifestação e confissão do homem interior, parece aproximar-se mais da Palavra enquanto imitação da mesma: o homem procura o divino que há em si pelo percurso do belo e do essencial, divinizando-se, isto é, produzindo ideais de transcendência, aproximando-se de algo muito acima dos seus desafios quotidianos. Com surpresa, essa exaltação pela palavra é revelada em crentes e não crentes: aos poetas parece corresponder, nas imagens que criam, a frase de S. João<sup>2</sup>: “E eis que faço novas todas as coisas”. Porque, nessa acepção, a palavra é relação, procura e o que resulta dessa procura, para exaltação de quem a revela.

O próprio Tolentino Mendonça<sup>3</sup> reforça esta nossa ideia quando afirma:

«A experiência religiosa é uma experiência de relação, de procura. Às vezes é uma experiência fusional — sentimo-nos dentro do mistério. Outras vezes, por ventura a maior parte das vezes, é uma experiência de interrogação, de deserto. Por vezes crucificante. Um permanecer apesar de. Ou contra o silêncio. Essa é a experiência da fé. E essa é também a experiência poética, de comunhão, tão profunda que parece que nos funde com a própria realidade. O mundo torna-se experiência. Ao mesmo tempo, nada é fácil para o poeta. Nada lhe é dado. Ele tem de fazer aquele caminho de pedras, de pergunta em pergunta, afinando, na dificuldade, os instrumentos da sua audição. O poema dá a ouvir o inaudível, e nisso ajuda-me na experiência religiosa. Diz, procura dizer, dá a ficção do dizer o indizível.»

São Francisco<sup>4</sup>, no *Speculum perfectionis*, afirma: “pois não serão os servidores de Deus senão uma espécie de jograis que têm por missão elevar o coração dos homens e conduzi-los à alegria do espírito?” – e assim sendo ocorre-me cruzar ideias dispersas para fazê-las convergir neste pequeno trabalho, quase ensaio, motivado pela presença cultural de José Tolentino Mendonça num espaço de partilha de espiritualidade. Por exemplo, o comentário a Fernando Pessoa que estabelece como “as palavras são focos de energia com efeitos invisíveis”<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Apocalipse, 21

<sup>3</sup> Em entrevista a Anabela Mota Ribeiro, *No princípio era o desejo de falar*, jornal O Público, em 09/12/2012

<sup>4</sup> AUGUSTINE, Thompson, *São Francisco de Assis*, [1]Uma Nova Biografia, ed. Casa das Letras, 2012

<sup>5</sup> Comentário de Pedro Teixeira da Mota in *A Grande Alma Portuguesa – A carta ao Conde de Keyserling e doutros dois textos comentados por Pedro T. da Mota*, edições Manuel Lencastre, Lisboa, Novembro 1988.

"Eu fiz-me ouvir junto de quem não perguntou por mim. Deixei-me achar por quem não me buscou." (Livro do Profeta Isaías 65, 1)

Na formulação do espírito, a palavra do Poeta, em geral, é não reverente<sup>6</sup>. Isso pode torná-lo, em muitos casos, irreverente<sup>7</sup>.

Tomamos o exemplo dos 39 poemas de "Estação central" de Tolentino Mendonça. Neles se evoca Pasolini, João Salaviza, Jafar Panahi, Rilke, S. João da Cruz, Santa Teresa d'Ávila, Leonard Cohen, Patti Smith, entre outros testemunhos construídos não nas coisas mas nas «relações» que se estabelecem entre elas. Há aqui uma presença de liberdade – a liberdade poética, a liberdade espiritual? – que leva o Poeta a patamares onde o Teólogo se detém?

Impõe-se falar de Jesus neste raciocínio. O centro da sua pregação, que a resume, é o anúncio do Reino de Deus – o que equivale a dizer, do tempo da Soberania de Deus que está já aí presente no meio dos homens, na pessoa, palavra, ação, destino do próprio Jesus. Soberania do amor libertador de Deus (que se revela quando Jesus realiza as curas dos doentes ou a expulsão dos demónios, quando convive à mesa com os amigos mas também com os pecadores a quem oferece perdão. Há as parábolas que anunciam e interpretam essa intervenção de Deus na história dos homens, ao encontro das suas necessidades e aspirações mais profundas, parábolas que convidam à partilha da nova alegria que é oferecida e à colaboração entusiasta na obra de Deus. Mas nestes poemas que revisitámos há sobretudo a liberdade permitida aos poetas e pelos poetas. Ao escrever poesia, o autor é utente e utilizador da linguagem ao seu dispor, comum aos homens, porém no registo mais elevado da partilha da mesma com fins estéticos.

Motivado pela escrita de "Estação central", José Tolentino Mendonça partilha<sup>8</sup> o raciocínio: «Os meus poemas são sujos, falam do que está submerso, do que é provisório, do que parece despojado de eterno mas onde eu encontro, precisamente, a possibilidade de pensar o sublime e o eterno», afirma o padre e poeta e explica que o seu interesse está orientado para o «gesto inaugural, o assombro», e a sua poesia, diz, «é profundamente marcada pela ideia de hospitalidade e de passagem». A aceitar o que já Aristóteles sugeria, isto é, que a poesia compreende aspetos metafísicos (no sentido de sua imaterialidade) e da possibilidade de esses elementos transcenderem o mundo fático,

<sup>6</sup> N.A. Reverente, no sentido da ação de reverenciar aquilo considerado sagrado ou que se apresenta desta maneira.

<sup>7</sup> N.A. No sentido de ausência de reverência; também de falta de respeito ou de desacato.

<sup>8</sup> José Tolentino Mendonça, entrevista concedida ao Diário de Notícias, 04-12-2012

a poesia de Tolentino Mendonça reforça a espiritualidade como ato poético, entendendo a espiritualidade como a dimensão do homem como ser religioso e a poesia como uma profunda alegria do espírito, mesmo nos seus momentos mais severos ou melancólicos, pois é seu apanágio a abordagem (com rigor e criatividade) dos temas e dos textos do cânone cristão, num diálogo sensível com as interrogações do presente. E, ao falarmos de liberdade, impõe-se: a liberdade de Jesus, escandalosa para puritanos e legalistas foi uma das suas notabilidades (por exemplo, a liberdade em relação às prescrições da Lei que se tinham tornado desumanas). Assim, este uso da liberdade é a presença da espiritualidade como ato poético. Mas a formação de Tolentino espelha outro rosto desta liberdade: em sentido estrito (cristão), só Jesus Cristo liberta para a liberdade, se atendermos ao princípio de que a verdadeira liberdade é-nos concedida por aquele que a pode ganhar para o homem pois é quem pode salvá-lo do pecado que escraviza (em suma, não é a racionalidade do homem que pode, por si só, garantir a sua própria liberdade<sup>9</sup>. Com Jesus Cristo já não é possível conceber um processo libertador a partir de um povo particular, porque a libertação foi definitivamente realizada por um só homem e Filho de Deus. Ela só é lícita quando fundamentada no acontecimento histórico da encarnação do Verbo – da vida, da morte e ressurreição de Jesus da Nazaré. Da Liberdade, a poesia (e a escrita) de Tolentino Mendonça propõe-nos caminhos que conduzem à afetividade, a paradigmas de busca, como os da Amizade ou os do Amor.

“E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.” Coríntios 13:2

São de Tolentino Mendonça as palavras<sup>10</sup>:

“A verdade do amor endereça-nos ao núcleo mais profundo da identidade pessoal, inseparável que é da verdade do sujeito. Nem por acaso, a magnífica lírica de W.H. Auden, Diz-me a verdade acerca do amor, que o século passado elegeu como uma das suas canções, resume-se a uma sucessão de perguntas: *Virá[<sup>o</sup> amor] como uma súbita mudança de tempo? O seu acolhimento será rude ou delicado? Virá alterar toda a minha vida? Ah, diz-me a verdade acerca do amor.* Evidentemente, a

<sup>9</sup> “Em verdade, em verdade vos digo: todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado”- S. João (8,31-36).

<sup>10</sup> MENDONÇA, José Tolentino, *As declinações do amor – uma curiosidade do texto lucano*, Centro de Estudos Religiões e Culturas, Faculdade de Teologia (UCP), Lisboa

verdade do amor não tem resposta. Ou melhor, não tem outra resposta senão a da entrega e a do dom.”

Do mesmo amor, e da sua verdade, o poeta escreve:

Da verdade do amor<sup>11</sup>

Da verdade do amor se meditam  
relatos de viagens confissões  
e sempre excede a vida  
esse segredo que tanto desdém  
guarda de ser dito

pouco importa em quantas derrotas  
te lançou  
as dores os naufrágios escondidos  
com eles aprendeste a navegação  
dos oceanos gelados

não se deve explicar demasiado cedo  
atrás das coisas  
o seu brilho cresce  
sem rumor

Ou, numa síntese brilhante: “O amor é a forma mais radical de hospitalidade.”

No seu *Nenhum Caminho Será Longo - para uma teologia da amizade*<sup>12</sup> lê-se como Sinopse: “Qual será o verdadeiro nome da amizade? E é possível a amizade ser nomeada? Quando nos confrontamos com a pergunta sentimo-nos em embaraço: de sua natureza, a amizade é um sentimento forte e intenso, sem deixar de ser uma experiência discreta, sempre singular no seu registo, quase quotidiana, na sua expressão. Não é por acaso que, nas nossas sociedades, o amor é tutelado institucionalmente. Não há, porém, nenhuma lei que tutele a amizade. Contudo, ela constitui um património humano sem o

<sup>11</sup> MENDONÇA, José Tolentino, in *"Baldios"*, Assírio & Alvim, , coleção Poesia Inédita Portuguesa, Lisboa, 1999

<sup>12</sup> MENDONÇA, José Tolentino, *Nenhum Caminho Será Longo - para uma teologia da amizade*, Coleção: Poéticas do Viver Crente – série Linhas de Rumos<sup>[1]</sup> Editora: Paulinas Editora, Lisboa, 1ª Edição, Outubro de 2012



qual a nossa vida não seria a mesma ou simplesmente não seria. Falamos muito do amor e pouco da amizade. Este novo livro (...) capítulo a capítulo, envolve-nos numa viagem que convoca a cultura e a espiritualidade, a antropologia e a Bíblia, as artes e a experiência comum. Deixando ainda espaço para que juntemos a nossa voz, nesta espécie de elogio.”

Acresce ainda esta comparação que me ocorre: Tolentino escreve<sup>13</sup> o seguinte: “as palavras mais do que palavras podem ser chama, e chama enigmaticamente inapagável, como a que Moisés, no deserto, entreviu (Ex 3,2).” E João da Cruz deixou escrito: “...O que Deus pretende é fazer-nos deuses por participação, sendo-o Ele por natureza, como o fogo converte todas as coisas em fogo<sup>14</sup>”

“Os que se assemelham a nada  
Assemelham-se  
a Deus”

José Tolentino Mendonça  
*In*, A Papoila e o Monge

## Conclusão

Aproveitando a analogia com o poeta João da Cruz<sup>15</sup> ocorre-nos a relação entre Cultura e Espiritualidade. “Os que se assemelham a nada/assemelham-se/a Deus...” . Este poema leva-nos a João da Cruz, que participa da consideração oriental de que Deus se vê (a si mesmo) no olhar do santo, igual ao que atua no comportamento do justo. Essa é a perfeição espiritual que propõe atingir a humildade, o amor e a sabedoria. Atrevemo-nos a dizer que o caminho para tal é o da Poesia, que sintetiza uma linha de pensamento tanto da santidade como da espiritualidade, passando do que é assunto privado e manifestamente consagrado à profundidade interior, capaz de chegar aos outros pelo Belo, sendo assim um eficaz legado doutrinal: a cultura que é a própria espiritualidade.

<sup>13</sup> MENDONÇA, José Tolentino, *As declinações do amor – uma curiosidade do texto lucano*, Centro de Estudos Religiões e Culturas, Faculdade de Teologia (UCP), Lisboa

<sup>14</sup> Pontos de amor, in CRUZ, São João, *Obras completas do Doutor Místico São João da Cruz*, 4ª edição, composto e impresso pela Gráfica de Coimbra, Licença da Ordem O.C.D., Leiria, 1977, Carmelo de São José-Fátima, Edições “Carmelo”-Aveiro.

<sup>15</sup> São João da Cruz, antes conhecido como Frei João de São Matias, juntamente com Frei António de Jesús Heredia, inicia a Reforma da sua Ordem, depois de um encontro esclarecedor com Teresa de Ávila que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres, surgindo posteriormente os carmelitas descalços.

O poema ao nível dos objetos de culto, ao lado das imagens, dos oratórios ou das relíquias, capaz de chegar ao Outro testemunhando o Divino e capacitando o Outro da Sua essência: o Poema como eco da Alma, o lugar mais próprio para Deus.

A cultura como criatividade e ambas como espiritualidade. Em suma, para o crente, a poesia pode ser uma profunda alegria.

“A tua justiça é como as grandes montanhas; os teus juízos são um grande abismo.”

Salmos 36:6

**BIBLIOGRAFIA**

- AUGUSTINE, Thompson, *São Francisco de Assis* [SEP] *Uma Nova Biografia*, ed. Casa das Letras, 2012
- CHÂTELET, François, *Uma História da Razão – entrevistas com Émile Noel*, Editorial Presença, Lisboa, 1999
- CRUZ, São João, *Obras completas do Doutor Místico São João da Cruz*, 4ª edição, composto e impresso pela Gráfica de Coimbra, Licença da Ordem O.C.D., Leiria, 1977, Carmelo de São José-Fátima, Edições
- MENDONÇA, José Tolentino
- Baldios*, Assírio & Alvim, coleção Poesia Inédita Portuguesa, Lisboa, 1999
  - Nenhum Caminho Será Longo- para uma teologia da amizade*, Coleção: Poéticas do Viver Crente – série Linhas de Rumo [SEP] Editora: Paulinas Editora, Lisboa, 1ª Edição, Outubro de 2012
  - A Papoila e o Monge*, Assírio & Alvim, coleção Poesia Inédita Portuguesa, Lisboa, 2013
  - As declinações do amor – uma curiosidade do texto lucano*, Centro de Estudos Religiões e Culturas, Faculdade de Teologia (UCP), Lisboa
- PESSOA, Fernando, Comentário de Pedro Teixeira da Mota in *A Grande Alma Portuguesa – A carta ao Conde de Keyserling e outros dois textos comentados por Pedro T. da Mota*, edições Manuel Lencastre, Lisboa, Novembro 1988.